



5º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina- IFSC

Categoria: Órgãos Públicos

Trabalho – A inclusão das diferenças no IFSC: a permanência e o êxito dos estudantes na busca pela inclusão social

A inclusão das diferenças no IFSC: a permanência e o êxito dos estudantes na busca pela inclusão social. Autora: Cristiane Antunes Espindola Zapelini; Marcelo Martins. A inclusão das diferenças nos Institutos Federais de Educação Profissional e Tecnológica tem sido uma prática cada vez mais presente e são inúmeros os desafios por conta das adaptações necessárias. Isto porque, na perspectiva da diversidade, entendemos que pelas diferenças podemos construir uma educação mais voltada para as diversas aprendizagens e mais comprometida com o desenvolvimento humano, social e cidadão. E que os direitos só se efetivam quando contribuem para a inclusão e principalmente para o desenvolvimento das pessoas. No contexto das políticas públicas de educação, as ações afirmativas cada vez mais buscam a inclusão dessas diferenças e menos nos sentimos preparados para uma educação de qualidade para esta diversidade. Segundo dados da ONU, 12% a 15% da população de um país em desenvolvimento, tem algum grau de deficiência e para isto é preciso sensibilizar, informar, formar e qualificar a educação no Brasil, além de oferecer condições para eliminar as barreiras de comunicação, arquitetônicas, entre outras. Com relação à acessibilidade e mobilidade, o IFSC - Campus Florianópolis, possui um conjunto arquitetônico pensado na década de 1950, onde as rampas existentes foram construídas para dar fluxo ao número de estudantes que se movimentavam neste espaço. Por conta disto, sua inclinação não está de acordo com o que normatiza a ABNT NBR 9050/2004, dificultando a locomoção de cadeirantes ou de pessoas com mobilidade reduzida. Ainda pela arquitetura antiga em alguns prédios não é possível a instalação de elevadores que seria uma alternativa de locomoção. Outros desafios são os espaços em que acontecem as aulas práticas, como oficinas e laboratórios, que também não são acessíveis ou por não dispor de espaço para a locomoção de cadeiras de rodas, pela altura das bancadas, pelo deslocamento entre uma aula e outra para estes locais, o que levaria muito tempo no deslocamento. Neste sentido, a acessibilidade passa a ser a palavra de ordem na administração escolar para que as oportunidades de ensino sejam ampliadas a todos. Neste contexto, em 2013 recebemos uma aluna cadeirante no curso Técnico Integrado de Saneamento, que enfrentaria todas as dificuldades de acessibilidade e mobilidade dada a estrutura na qual relatamos anteriormente. Para tanto, se fez necessário o Atendimento Educacional Especializado desta estudante que foi realizado pelo Núcleo de Atendimentos às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) que acompanha os alunos com deficiência com os diversos setores da instituição. Logo que a aluna entrou no IFSC, foi realizada uma reunião entre a equipe do Napne e os pais, para ver como podiam ajudá-la a se integrar nas atividades. “São questões diferentes, a acessibilidade e a inclusão. Pensamos numa solução que não só permitisse que a Sophia tivesse acesso à escola, mas também que pudesse participar de todas as atividades com o máximo de



5º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



independência”, conta o pai da aluna. Para isto, foi sugerida uma tecnologia assistiva que possibilitasse inicialmente mobilidade, autonomia, deslocamento rápido, melhor ergonomia nas atividades práticas e menor esforço físico, já que a aluna possuía uma cadeira manual para se locomover. Por entender que, a Tecnologia Assistiva como uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social" (Portaria n. 142, de 16 de novembro de 2006), possibilitaria uma melhor inserção neste espaço educativo. Após estudos realizados em parceria com a família, o NAPNE optou por adquirir uma cadeira de rodas motorizada para atender aos estudantes cadeirantes da instituição. O modelo escolhido foi o Freedom, da marca de mesmo nome, com stand-up (permite a pessoa ficar em pé) e custou cerca de R\$ 11 mil. Para a direção do Campus, este foi um investimento para dar mais qualidade de ensino. A inclusão é algo do qual não podemos mais fugir e o Câmpus Florianópolis está preocupado em oferecer as mesmas oportunidades a todos que estão aqui, palavras do diretor-geral do campus. O modelo selecionado foi um equipamento tipo stand-up, que atende as necessidades de deslocamento dentro de suas dependências, permitindo a autonomia de movimentos, conforto e agilidade que os estudantes cadeirantes precisam nos seus deslocamentos diários pelas salas de aula e laboratórios. Este modelo, permite que o cadeirante tenha acesso as bancadas de trabalho, onde são realizados experimentos no processo ensino-aprendizagem. O resultado esperado se confirma diariamente, com a tranquilidade com que a cadeirante vence seus obstáculos, principalmente em rampas de acesso aos diversos locais de atividades educativas e também a sanitários, cantina, biblioteca e setor de reprografia. Da mesma forma que experiências como esta propiciam a sensibilização da comunidade acadêmica, uma melhor relação com as diferenças, articulação didático pedagógica para a inclusão e contribui para qualidade de vida da estudante. Os impactos obtidos conseguimos mensurar pelos relatos da própria estudante e dos familiares, conforme segue: 1) O modelo comprado pelo Câmpus possui não apenas o deslocamento motorizado, mas permite que a estudante fique em pé, por exemplo, para acompanhar uma experiência realizada em uma bancada de laboratório. “Antes, eu tinha que ficar apenas escutando, não conseguia enxergar de fato o que estavam fazendo”, lembra a estudante. 2) As escolas anteriores nunca se recusaram a receber a estudante, até porque é ilegal, mas aqui no Câmpus foi a primeira vez em que a coisa foi além da legislação. Conversamos e vimos que algumas obras estavam fora dos padrões e, como demoraria para poder fazer as obras, surgiu a ideia da cadeira, bancada pela direção. “Nenhuma outra escola se ofereceu antes para cobrir esse tipo de custo”, lembra o pai da estudante. 3) Para a aluna, a principal vantagem é a independência. A maior parte dos meus colegas sempre me ajudou, mas claro que é complicado ficar pedindo ajuda a toda hora. Quando bate o sinal, é aquele atropelo, sai todo mundo correndo, e antes eu precisava esperar, conta a estudante, lembrando que uma vez, aos 13 anos, foi esquecida em um ginásio da antiga escola. 4) Para a estudante, a naturalidade com que a presença dela é tratada no Câmpus acaba se refletindo no tratamento recebido entre os próprios colegas. Estava acostumada a ter que responder sobre como eu fiquei na cadeira de rodas, se era de nascimento, acidente (a aluna teve um tumor na coluna, aos seis anos), mas a primeira pergunta que me fizeram aqui foi: tu és vegetariana?, exemplifica, sorrindo. Acho que o mais importante é as escolas estarem preparadas e buscarem novas maneiras de ajudar quem tem



5º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



necessidades especiais. As pessoas enxergam as deficiências de modo muito limitado. Por exemplo, olham para ti e acham que a deficiência física significa também algo de incapacidade mental, elas confundem as coisas. O que todos devem entender é que ninguém é igual a ninguém. Para nós, esta experiência só reforça a premissa de que não há dois alunos iguais. E para isto, é preciso sair do “lugar comum”, realizar parcerias e lançar mão das tecnologias para dar igualdade de acesso, e acima de tudo, contribuir para a permanência e o êxito dos estudantes com deficiência. E pensar numa educação integral é também levar em conta o quanto os processos de subjetivação nas instituições educativas acontecem nos momentos de socialização, que vão além da sala de aula e podem ser mais significativos do que os momentos de aprendizagem planejados.